

Da teoria prototípica da categorização de Rosch à teoria de protótipos de Kleiber

Cleonice Lucia Rizzatti¹

Resumo: Este artigo reúne algumas visões sobre o processo de categorização. As mais importantes entre elas são a da Teoria Prototípica de Categorização de Eleanor Rosch, a Teoria dos protótipos de George Lakoff e a Versão Estendida de Georges Kleiber. A teoria clássica interpretava a categorização como um conjunto de condições necessárias e suficientes, porém o processo de categorização não pode ser interpretado somente segundo os postulados desta teoria. Depois deste enfoque, o sentido passou a ser visto como não referencial, isto é, podendo ser independente da determinação de sua referência. Já com Lakoff, o sentido passa a ser visto não como um “doador” da referência, passando pela intermediação de

práticas sociais, enquanto que com Kleiber o sentido de um item lexical forma uma categoria, cuja estrutura provoca determinados efeitos prototípicos. Entender o processo de categorização auxilia a explicitar as opções lingüísticas realizadas e, por conseguinte, os efeitos semânticos que produzem.

Palavras-chave: Sentido, protótipo, categoria.

Abstract: This paper collects some approaches about the process of categorization. The most important of them are the Prototypical Theory of Categorization, by Eleanor Rosch, the Theory of Prototypes, by George Lakoff, and the

¹ Professora de Língua Portuguesa da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI, Campus de Frederico Westphalen, mestre em Lingüística Aplicada pela UFSC.

Extended Version of such theory, by Georges Kleiber. Classic theory had interpreted categorization as a set of necessary and sufficient conditions, however, the process of categorization cannot be interpreted only according to the postulates of this theory. After this focus, meaning came to be seen as non referential, that is, it could be independent from the determination of its reference. With Lakoff, meaning comes to be seen not as a “donator” of the reference, going through intermediation of social practices, while with Kleiber the meaning of a lexical item forms a category whose structure provokes certain prototype effects. To understand the process of categorization helps to explain the chosen linguistic options and, therefore, the semantic effects they produce.

Key-words: Meaning, category, prototype.

O uso de palavras e o uso da linguagem, desde sua produção e entendimento, envolvem indubitavelmente processos cognitivos. O processo mental de classificação é chamado de categorização e seu produto são as categorias, que podem ser entendidas como conceitos mentais armazenados em nossa memória. Juntos, eles constituem o que tem sido chamado de léxico mental. Ao observarmos a língua em seu uso, nos questionamos como os objetos podem ser agrupados em determinados conjuntos e não em

outros. Por isso, algumas vezes temos dificuldade em fazer a escolha lingüística adequada na construção do discurso. Para entender melhor a abordagem da categorização, é imprescindível repassar as teorias de Rosch no âmbito da Psicologia Cognitiva Experimental e chegar até a Teoria de Protótipos de Kleiber.

A teoria prototípica originou-se nos meados de 1970, com a pesquisa psicolingüística de Eleanor Rosch, dentro da estrutura interna de categorias. Essa autora foi a primeira a fornecer uma perspectiva geral para os problemas das pesquisas desde a abordagem clássica, remetida geralmente a Aristóteles. Foi esse pensador quem distinguiu entre a essência de uma coisa e seus acidentes:

a - a essência é o que faz de uma coisa o que ela é; são todas as partes imanentes que indicam a individualidade;

b - o acidente é o que não desempenha papel na determinação do sentido.

O exemplo dado por Aristóteles, segundo Surdi (1998:29-30), foi: “a essência de ‘*homem*’ é ser animal bípede; é accidental ser branco e culto. Os atributos accidentais podem ser verdadeiros para um indivíduo, mas são irrelevantes para determinar se uma entidade é de fato um *homem*. Para identificar se dada entidade é um *homem*, é necessário saber o sentido da palavra *homem*, o

que implica conhecer sua essência”. A noção de essência deu ênfase à chamada visão lógica. De acordo com essa visão, a categoria é definida por um conjunto limitado de condições suficientes e necessárias. Tais condições são conceituadas como claras, discretas ou essenciais; podem ser presentes ou ausentes. Uma criatura é um pássaro se e somente se tiver duas asas, duas pernas, um bico e puser ovos, que são condições necessárias. Essa abordagem clássica não é resultado de estudo empírico, mas de reflexão filosófica.

Numa outra perspectiva, Labov (1973 *apud* Taylor 1991) pesquisou a categorização lingüística de recipientes de uso doméstico, como copos, canecas, tigelas e vasos. Para realizar sua pesquisa apresentou, a algumas pessoas, desenhos de recipientes de diferentes tamanhos e lhes perguntou o nome do que estava sendo representado. O desenho que apresentasse uma área circular, afinando-se em direção ao fundo, foi reconhecido como xícara, e desenho similar, com a largura e a profundidade aumentadas, era identificado como tigela. Por outro lado, quando se pedia que uma pessoa imaginasse os recipientes abastecidos com algum produto, a categorização também variava – com café quente, lembrava xícaras; com batatas, lembrava bacia. Quando aumentada a profundidade, uma xícara passava à categoria de vaso, sem saber a partir de que ponto deixou de ser xícara para se tornar vaso. Logo, constatou-se que não há linha divisória

clara entre xícara e *tigela*, visto que uma categoria pode emergir gradualmente da outra.

As descobertas de Labov (*apud* Ungerer e Schmid, 1996) sobre a natureza das categorias cognitivas foram utilizadas em outros estudos que se seguiram. São elas:

1 - categorias não representam divisões arbitrárias dos fenômenos do mundo, mas devem ser vistas com base nas capacidades cognitivas da mente ou memória humana;

2 - categorias cognitivas de cores, formas, assim como de organismos e objetos concretos, estão ancoradas em protótipos conceitualmente salientes que têm papel importante na definição de categorias;

3 - os limites ou fronteiras das categorias cognitivas são *fuzzy* – difusas, mal delimitadas; por exemplo, categorias vizinhas não estão separadas por limites ou fronteiras rígidas, mas surgem paulatinamente umas das outras;

4 - entre protótipos e limites, as categorias cognitivas contêm membros que podem ser avaliados numa escala de typicalidade que se estende desde bons a maus exemplos.

Rosch, por sua vez, partiu dos achados de Brent Berlin e Paul Kay (1969 *apud* Lakoff, 1987), que estudaram a categorização das cores em diferentes línguas (investigaram 98 línguas, 20

com testes orais e consultas a gramáticas e outros materiais escritos) e observaram que os termos básicos apresentavam algumas regularidades: eram designados por um só morfema, não se restringiam a um pequeno número de objetos e eram de uso comum e geral. Observaram, também, que os limites entre as cores variam de língua para língua e que podem ser percebidas pequenas regularidades quando se trata de identificar o foco mais representativo ou cor focal, que Rosch chamou de *protótipo*. O sistema de cores foi chamado por ela de *protótipo natural*.

O objetivo principal de Rosch foi descobrir se as cores focais estavam enraizadas na linguagem ou na cognição lingüística. Para eliminar a influência da categorização baseada na linguagem, essa psicóloga passou a examinar informantes com pouco conhecimento de nomes de cores: crianças da pré-escola de Nova Guiné, detentoras de uma cultura não ocidental, a cultura Dani. O resultado da pesquisa foi a seguinte:

1- cores focais são perceptualmente mais salientes do que cores não focais; as crianças de

três anos têm maior atração pelas cores focais do que pelas não focais; as crianças de quatro anos combinam as cores focais com mais precisão para a amostra dada de outras cores, do que as cores não focais;

2 - as cores focais são mais precisamente lembradas pela memória de curto prazo e mais facilmente retidas na memória de longo prazo;

3 - os nomes das cores focais são mais rapidamente produzidos nos exercícios de nomeação de cores e são adquiridos mais cedo pelas crianças.

A idéia de Rosch era que o *status* cognitivo poderia ser afirmado para cores focais se ele pudesse ser provado importante nos processos cognitivos envolvidos na categorização. Ao todo, as cores focais parecem possuir uma saliência cognitiva perceptual particular que é, provavelmente, independente da linguagem.

Rosch, avançando um pouco mais seus experimentos, pediu que as pessoas descrevessem as figuras abaixo para alguém que não podia vê-las:

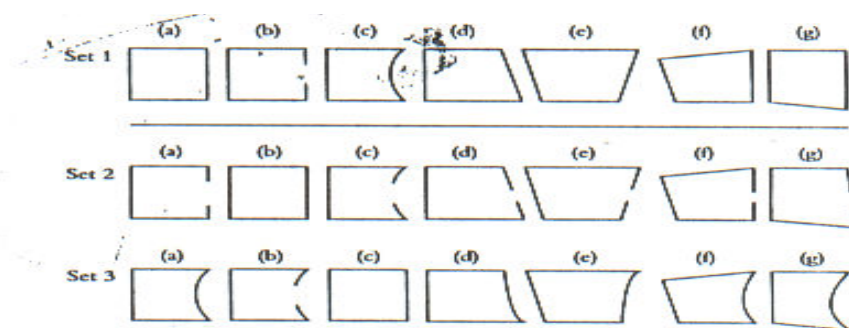


Figure 1.2 Shapes used by Rosch in prototype experiments (Rosch 1973) (Sets 2 and 3 reconstructed from Rosch's description, letters added)

Os informantes descreveram o primeiro como um quadrado; o segundo, um quadrado com uma falha no lado direito; o terceiro, com uma brecha, etc. Quadrados e outras formas são candidatos primordiais a protótipos naturais no domínio das formas geométricas, tanto quanto as cores focais no âmbito das cores. Ao usar o tipo de teste como o das linhas, mostrado na figura acima, Rosch tentou confirmar a noção de protótipo natural no domínio das formas. Associados com as descobertas das primeiras experiências em cor, estes resultados sugerem que os protótipos naturais têm função crucial nos vários estágios envolvidos na formação e aprendizagem de categorias.

Sabe-se que há no mundo uma variedade infinita de objetos com substâncias, formas e cores diferentes. Ainda assim, as pessoas conseguem traduzir esta variedade com palavras de significado simples – mesmo no caso de distinções

pouco claras, como a diferença entre as cores vermelho e laranja. Rosch constatou que existe um conjunto de características semânticas objetivas para palavras individuais, partindo da consideração de atributos, semelhanças familiares e formas. A Psicologia Cognitiva Experimental veio em apoio a essas observações.

Na seqüência dos estudos de Rosch, surge uma dúvida sobre se a noção de protótipo pode ser estendida a entidades menos obviamente perceptuais do que as cores e as formas. Existem, assim, bons e maus exemplos de carros, cachorros e casas? Para Rosch e seus informantes, existem. Aplicando o teste, desta vez a estudantes universitários americanos, com uma escala de zero a sete pontos de excelência (um ponto para os melhores e sete pontos para os exemplos mais pobres), foram testadas dez categorias: aves, frutas, veículos, vegetais, esportes, ferramentas, brinquedos, mobília, armas e vestimenta. A partir

dessa série de experimentos, a autora chega à conclusão de que a maioria das categorias perceptuais (cores, formas e linhas) e não perceptuais (ave, fruta, veículo, mobília) não têm fronteiras claramente definidas e são internamente altamente estruturadas. Para Rosch:

“as categorias são compostas de um ‘significado nuclear’ que consiste dos ‘casos mais claros’ (melhores exemplos) da categoria, ‘circundados’ por outros membros de similaridade decrescente em relação ao significado nuclear” (1973:112).

Uma preocupação de Rosch foi provar que as categorias são formadas em torno de protótipos, que funcionam como ponto de referência. Através das pesquisas, essa autora e seus colaboradores objetivam empiricamente demonstrar que existem membros ou instâncias com ‘características’ especiais dentro da categoria. Em outras palavras, os membros da categoria não seriam igualmente representativos da mesma; haveria assimetrias – ou *efeitos prototípicos* – entre eles. Desta maneira, uma certa instância seria tomada como o caso mais central, o exemplo mais representativo da categoria – o seu protótipo. O protótipo seria o melhor exemplar, assim julgado se possuísse as propriedades consideradas típicas da categoria. Em outras palavras, o protótipo seria o melhor exemplo típico.

Assim, comparando os atributos prototípicos de um *pássaro* representativo da categoria, como o pintarroxo, temos: (1) põe ovos; (2) tem bico; (3) tem duas asas e duas pernas; (4) tem penas; (5) pode voar; (6) pequeno e leve; (7) gorjeia e canta; (8) tem pernas finas e curtas; (9) tem rabo curto; (10) tem peito vermelho. Aplicadas essas categorias a outros tipos de pássaro como pardal, canário ou pombo, veremos que o último ultrapassa peso e tamanho, não canta nem gorjeia. O papagaio é outro exemplo menos apropriado de pássaro: tem pernas mais fortes, é maior, tem rabo mais longo do que o pintarroxo e não canta. E, se considerarmos o avestruz, este só compartilha de alguns dos atributos da categoria: põe ovos, tem duas pernas e um tipo de bico. Então, *pássaro* é uma categoria estruturada de tal maneira que pintarroxo seria um dos membros mais centrais e *avestruz*, um dos mais periféricos.

Rosch & Mervis (1975) também investigaram as semelhanças de família no interior de uma categoria ou entre categorias e a prototypicalidade de determinados membros. Essas experiências tinham dois objetivos: demonstrar a posição de semelhança familiar e fornecer avaliação de tipicidade baseada no atributo. Atributos são afirmações que provêm informações sobre os membros de uma categoria. Assim, na categoria *pássaro*, são atributos amplos,

aplicados a toda categoria: (1) põe ovos, (2) tem um bico, (3) tem duas asas e duas pernas, (4) tem penas. Já os atributos selecionados de semelhança familiar são (5) pode voar, (6) é pequeno e leve, (7) gorjeia, canta, (8) tem pernas finas e curtas, (9) é mantido em gaiolas, (10) é criado para o uso de sua carne, ovos e penas, (11) tem pescoço longo, (12) tem penas decorativas, (13) tem cores exóticas. Desta forma, o avestruz é um pássaro não somente porque tem penas e põe ovos como um pintarroxo, mas porque tem o pescoço longo como um flamingo e penas decorativas como um pavão.

Pode-se resumir a estrutura de atributos de categorias prototípicas da seguinte forma:

a - membros prototípicos de categorias cognitivas têm o maior número de atributos em comum com outros membros da categoria; número menor de atributos também ocorre com membros de categorias vizinhas;

b - maus exemplos, ou seja, membros de categorias marginais compartilham somente um pequeno número de atributos com outros membros de suas categorias, e têm atributos que pertencem a outras categorias; porém, se o usuário da língua tiver pouco conhecimento enciclopédico para decidir, por exemplo, se pingüim põe ou não ovos, ou se ele é ou não um pássaro, este será, para o usuário, um membro duvidoso da categoria de *pássaro*.

Rosch e Mervis (1975) também fizeram importantes investigações sobre as categorias de nível básico. Para elas este é “um nível de abstração em que objetos concretos do mundo se dividem mais naturalmente em categorias” (ibid:586). É no nível básico de categorização que as pessoas conceptualizam coisas como *gestalten* perceptuais e funcionais. Rosch observou que o nível psicologicamente mais básico está no meio da taxinomia hierárquica:

<i>SOBREORDENADO</i>	ANIMAL	MOBÍLIA
<i>NÍVEL BÁSICO</i>	CACHORRO	CADEIRA
<i>SUBORDINADO</i>	CÃO DE CAÇA	CADERIA DE BALANÇO

É neste nível que as categorias apresentam características marcantes. Este é o nível mais inclusivo de categoria em que as formas dos objetos são parecidas e, conseqüentemente, mais facilmente reconhecidas; é também o nível privilegiado no desenvolvimento lingüístico: o primeiro a ser nomeado, aprendido e a entrar no léxico da língua. Neste nível uma única imagem mental pode refletir a categoria inteira. Seu caráter *gestáltico* garante o *status* de estrutura diretamente significativa, na visão semântica experiencialista.

Rosch fez uso de categorias contrastantes para produzir o que foi chamado de Teoria dos Protótipos e Categorias do Nível Básico. No nível básico, as categorias são maximamente distintas, isto é, maximizam as similaridades percebidas entre os membros das categorias e minimizam as percebidas entre categorias contrastantes. Uma tentativa de capturar esta intuição foi realizada através de uma medida quantitativa, denominada de *índice de validade de categorias*. O índice de validade é a probabilidade condicional de um objeto estar em determinada categoria, se possuir certas características. Assim, os mais altos índices de validade de uma taxinomia hierárquica devem ocorrer no nível básico. Uma categoria como *laranja natal* deve ter baixo índice de validade, porque a maioria dos atributos de *laranja natal* seria compartilhado com outros tipos de laranjas e somente poucos atributos

diferenciariam as *laranjas natal* de outras laranjas.

No entanto, Murphy (1982 *apud* Lakoff, 1987) observou que o índice de validade para uma categoria sobreordenada é sempre maior ou igual àquele do nível básico e que a maioria dos atributos não estão diretamente ligados às categorias sobreordenadas na memória. Isto seria verdadeiro, para Lakoff, ao considerar que é no nível básico que grande parte do conhecimento é organizado. Entretanto, seria necessária uma definição psicológica de atributo, não uma noção de atributos como algo existente objetivamente no mundo. Índices de validade de categorias definidos por atributos psicológicos podem se correlacionar com a categorização de nível básico. Logo, conclui-se que categorias de nível básico são bastante diferenciadas para as pessoas, principalmente porque o conhecimento é organizado neste nível.

O trabalho de Rosch sobre a categorização pode ser dividido em três fases:

1ª Fase (final da década de 60 ao início da década de 70): definiam-se os protótipos em termos de (a) saliência perceptual; (b) memorização: quais as coisas que são mais facilmente lembradas; (c) estímulo de generalização: habilidade para relacionar alguma coisa a outra que lhe é fisicamente similar.

2ª Fase (início à metade da década de 70): consideração da possibilidade de os efeitos prototípicos poderem fornecer uma caracterização da estrutura interna da categoria. A classificação como **melhor exemplo** pode refletir a estrutura interna da categoria na representação mental, diretamente. Em outras palavras, os efeitos prototípicos, nesta fase, estariam sendo interpretados como revelando, diretamente, algo sobre a natureza da categorização humana.

3ª Fase (final da década de 70): os efeitos prototípicos teriam fontes não determinadas. Os efeitos limitariam as possibilidades do que uma representação poderia ser, mas não haveria correspondência um-a-um entre os efeitos e as representações mentais.

Hoje, as etapas consecutivas das experiências sobre a noção de cores focais aparecem como o modelo de protótipo de categorização mais importante. Muitos resultados das pesquisas de Lakoff (1987) ainda são interpretados de acordo com a segunda fase dos estudos de Rosch. O exemplo dado por Lakoff, envolvendo as pesquisas sobre os efeitos prototípicos, também foi na categoria *pássaro*. Durante a segunda fase, as pesquisas foram interpretadas como se os membros menos representativos fossem menos pássaro que os outros. Porém, as avaliações de Rosch, na

verdade, mostraram que a categoria *pássaro* tem fronteiras nítidas e que todos os membros a integram cem por cento. A categoria precisaria ter uma estrutura interna que produzisse a avaliação de qualidade; além disso, estrutura interna deveria ser parte do nosso conceito do que um pássaro é.

Assumindo também a conclusão de Rosch, na terceira fase, de que a prototypicalidade teria fontes que não poderiam ser determinadas a partir dos fatos observados, Lakoff atenta para o fato de que os efeitos prototípicos são superficiais. Podem ser o resultado de muitos fatores. Numa categoria como *pássaro*, que tem fronteiras rígidas, podem resultar de algum aspecto da estrutura interna da categoria; desta forma, resultariam da natureza dos modelos cognitivos. Porém, uma categoria gradual, como *homem alto*, é vaga e não tem fronteiras rígidas; aí, os efeitos prototípicos podem resultar da gradação existente entre os membros da categoria.

Explicando de outra forma, objetos concretos como livros, cadernos, carros e casas são claramente delimitados e parece não existir dificuldade em identificá-los e classificá-los. Mas não é fácil nomear, classificar e identificar outros tipos de entidades como, por exemplo, partes do organismo como o joelho, tornozelos e pés dos seres humanos e animais, ou tronco de árvores. A dúvida aparece quando se afirma que

a rótula pertence ao joelho e o tronco da árvore é a parte que cresce para fora do chão. Então, onde termina o joelho e onde começa a coxa e onde termina o tronco e começa o galho? A neve, a chuva e a garoa, parecem também não ter limite definido entre elas. Quando a garoa deixa de ser garoa e passa a ser chuva, a chuva névoa e a névoa neblina? Onde começa e onde termina cada um desses fenômenos tem sido tema de constante discussão que fez surgir várias teorias entre lingüistas e filósofos interessados no relacionamento entre o significado das palavras e a realidade extra-lingüística. Porém, deve-se ter cuidado para não confundir os tipos diferentes de limites ou fronteiras. O tipo de incerteza que ocorre com os termos *joelho*, *névoa*, bem como com a categoria gradual *homem alto* é de vagueza. Mas o tipo de incerteza proposta pelo filósofo Max Black em seu imaginário museu de cadeiras, em que cada espécie apresentava diferença mínima notável em comparação com as outras é a transição difusa, ou *fuzzy*. No museu as cadeiras não são as entidades que se unem umas com as outras, mas sim as categorias das entidades é que são produtos da classificação cognitiva, da mesma forma que os efeitos prototípicos da categoria *pássaro*, citada anteriormente.

Lakoff (1987), por sua vez, cria a Teoria Prototípica, que é o ponto modal de ligação entre a Psicologia Cognitiva e a Lingüística: trata das

questões semânticas tendo como ponto de partida o processo da categorização. Assim, a questão do significado das expressões lingüísticas vincula-se à natureza da categorização humana, é entendida, empiricamente, a partir da ótica da prototypicalidade. E mais: passa a depender de uma teoria dos modelos cognitivos.

Partindo desse enfoque, o autor constrói a teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Afirma (1987) que são quatro as fontes de sua teoria dos Modelos Cognitivos: a) a Semântica de Frame de Fillmore; b) a Teoria da Metáfora e Metonímia, de Lakoff & Johnson; c) a Gramática, de Langacker e d) a Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier.

A Teoria dos MCIs congrega basicamente idéias dessas quatro fontes, todas elas situadas no domínio da lingüística cognitiva. Esta teoria é o cerne da Semântica Cognitiva Prototípica de Lakoff, que destaca quatro tipos de modelos: os de *esquemas de imagens* que atuam nos domínios físicos e não físicos ou abstratos mais objetivamente estruturados pela percepção; os *proposicionais*; os *metonímicos* e, finalmente, os *metafóricos*, que precisam fazer intervir os mecanismos imaginativos da razão. O problema da estruturação das categorias é resolvido, então, mediante a postulação da existência destes modelos cognitivos idealizados (ICMs), que são a fonte da constituição das categorias e dos efeitos prototípicos.

Os ICMs são estruturas conceituais complexas que organizam o nosso conhecimento geral sobre o mundo. Não são, entretanto, representação interna da realidade exterior, pois são construtos oriundos da interação do indivíduo com seu meio ambiente, muitas vezes construídos com o auxílio de mecanismos imaginativos, via corporalidade, como a metáfora e a metonímia. São modelos idealizados porque são estruturados a partir de uma seleção de estímulos (crenças, valores, objetivo, bio-sócio-culturais que orientam o raciocínio do indivíduo e o seu agir social), origem da simplificação da estruturação conceptual que está sendo categorizada. O caráter idealizado dos MCIs tem duas conseqüências: **(a)** permite que nem sempre os modelos se ajustem ao mundo com perfeição e **(b)** permite que os modelos forneçam maneiras contraditórias de entender um mesmo domínio da experiência.

Segundo esta teoria de Lakoff, se um indivíduo tiver que decidir se *Maria* é ou não solteira, deve realizar uma combinação da estrutura determinada pelo Modelo Cognitivo Idealizado e o conhecimento específico que tiver de *Maria*. A categoria *solteiro* é definida tomando-se como condições de referência uma sociedade humana em que há expectativas, ou seja, um conjunto de valores sociais, sobre o casamento e a idade considerada adequada para casar. Portanto, o falante usará um processo

cognitivo que determinará se *Maria* pertence ou não à categoria *solteiro*. Da mesma forma, excluirá o Papa, os padres católicos, os homossexuais e as pessoas que vivem juntas há anos, sem estarem casadas, de exemplos típicos da categoria *solteiro*, pois o sentido da palavra *solteiro* é uma esquematização (categoria válida) do que se passa no mundo e, portanto, é determinada por uma categoria de homens e mulheres adultos não-casados.

A teoria dos Protótipos continua sendo desenvolvida por Kleiber (1990). Sua versão mais recente se denomina Versão Estendida. Nela o protótipo organiza-se a partir de um centro e de uma periferia. A categoria é constituída por uma série de traços (não necessários nem suficientes) dispersos na forma de semelhança de família, entre os diferentes membros de uma categoria. Para Kleiber, não é bom explicar a origem do protótipo em termos de familiaridade, ainda que o protótipo seja considerado o exemplar mais familiar. Assim, se a familiaridade estivesse diretamente relacionada à origem da noção de melhor exemplar, pintinho seria um exemplar de *pássaro*, melhor do que águia. No entanto, o inverso é que é verdadeiro na escala de prototypicalidade, pois a hipótese de familiaridade contradiz a idéia de semelhança de família. Desta forma, Kleiber adota a noção de ‘tipicidade’. Por essa hipótese, o protótipo se redefine como o exemplar que resume as

propriedades salientes da categoria, passando a ser um exemplo desta e uma construção abstrata resultante de operações cognitivas. O caso do termo *pintinho* se resolve, pois, embora seja mais familiar do que o nome *águia*, é um exemplar menos adequado; a *águia* tem melhores características típicas da categoria *pássaro*.

A Versão Estendida é uma ruptura da Versão Padrão. Entretanto, a idéia de protótipo não é abandonada; se fosse, toda a semântica do protótipo estaria comprometida. O protótipo continua sendo o melhor exemplar de uma categoria, sem uma origem única e sem o estatuto de entidade fundadora da estrutura categorial. A idéia de que seria representação de um conceito e que serviria para representar uma categoria é abandonada. Ao refutar a idéia do protótipo como entidade organizadora da categoria, afasta-se, também, o poder de explicar a vinculação de entidades a uma categoria. Não se pode explicar a categorização de um *X* a partir da comparação com o protótipo de *X*; logo, a tese de que a vinculação se realiza com base no grau de similaridade com o protótipo, é abandonada. A semelhança de família é conservada, ou seja, os membros de uma categoria podem se relacionar uns com os outros sem que tenham propriedades comuns. A nova situação dos protótipos pode ser resumida em itens:

a - o protótipo é reduzido a um fenômeno superficial;

b - existem diferentes efeitos prototípicos segundo o modelo de categoria que lhes dá origem;

c - mesmo sendo concebido como efeito, o protótipo deixa de ser o exemplar reconhecido pelos sujeitos como o mais representativo.

Kleiber adota a concepção abstrata de protótipo, entendendo-a como uma combinação de atributos ou propriedades típicas de uma categoria, sem necessidade de ser comparada a um exemplar para ser pertinente, ou seja, o protótipo é como um objeto mental, esquema ou imagem cognitiva associado à palavra que se caracteriza e passa a ser visto como efeito da estrutura da categoria, podendo variar de acordo com o tipo de estrutura.

Dois fatos dão base a este posicionamento. O primeiro é a existência de mais de um protótipo-exemplo (exemplo real) possível para a mesma categoria. Por exemplo, *maçã*, *banana* e *laranja* podem ser consideradas exemplos prototípicos de **fruta** e *sabiá*, *pardal* e *andorinha* como protótipos de **pássaro**. O segundo é que, se *sabiá* fosse considerado como protótipo da categoria *pássaro*, seu conceito atinge, entre outros, traços como [cantar] e [marrom escuro] que são pertinentes a este pássaro, mas não para a categoria *pássaro*.

O protótipo como representante dos conceitos das categorias e como estruturador da categoria desaparece. A relação que une os diferentes membros de uma mesma categoria é o de semelhança de família. O processo de categorização se faz pelos elos de associação entre as diferentes instâncias. Na Versão Estendida essas mudanças acarretam a passagem de uma concepção monorreferencial para uma concepção multirreferencial. Ao fixar o protótipo como a base do emparelhamento referencial, a versão padrão faz com que todos os membros da categoria devam ter um traço em comum. Porém, na Versão Estendida, a semelhança de família permite que uma categoria seja formada por tipos de referentes ou subcategorias distintas, relacionadas de tal forma que um deles pode não ter nada em comum com o outro, como na organização **AB**, **BC**, **CD**, **DE**, em que o último nada tem em comum com o primeiro.

Dessa forma, ao ser reforçada pela teoria de semelhança de família, a Versão Estendida pode ser aplicada às categorias não-homogêneas, referencialmente, que agrupam diferentes subcategorias que não têm nada em comum a não ser as relações de semelhança. Segundo Moura (1999), na Versão Estendida, o significado de um item lexical se organiza polissemicamente entre vários significados que

mantêm diferentes relações de sentido entre si. Esta versão se assenta na hipótese de que o sentido ou sentidos de um item lexical se organiza em termos de semelhanças de família entre os referentes, agrupados em sub-categorias semânticas.

Para Kleiber, os diferentes sentidos de um mesmo item lexical não são classificados sob a mesma etiqueta denominativa ao acaso. Há elos entre os diferentes sentidos. Este modelo, porém, possui um fraco poder explicativo porque o único argumento usado é que os sentidos lexicais não podem ter uma distribuição arbitrária entre os sentidos não relacionados; falta-lhe produzir um controle sobre a maneira como as cadeias de sentido se combinam e em que direção o fazem.

Todas as teorias de categorização têm relação com diferentes domínios, como a filosofia da mente, a antropologia cognitiva, a psicologia, a sociologia, a biologia, a lógica, entre outros. Podem, por isso, apresentar algumas características problemáticas. Entretanto, entender como acontece o processo de categorização é, de certa forma, essencial para se elucidar a questão das escolhas lingüísticas que os indivíduos fazem na construção do discurso.

Referências Bibliográficas

ASHER, R.E. **The Encyclopedia of Language and Linguistics**. Pergamon Press.

FELTES, Heloisa Pedroso de Moraes. A Semântica Cognitiva Prototípica de George Lakoff. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, n. 89, p.49-71.

KLEIBER, G. **La sémantique du prototype**. Paris: PUF, 1990.

LAKOFF, Geroge. **Women, fire, and dangerous things. What categories reveal about the mind**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

MERVIS, C. & ROSCH, E. Categorization on natural objects. **Annual Review on Psychology**, n. 32, p.89-115.

ROSCH, Eleanor. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MORE, T.E. **Cognitive Development and the Acquisition of Language**. New York, Academic Press, 1973, p.111-144.

_____. Cognitive representations of semantic categories. **Journal of Experimental Psychology: General**, 104, 1975, p.192-233.

ROSCH, E. & MERVIS, C.B. Family Resemblances: studies in the internal structures of categories. **Cognitive Psychology**, 7, n. 4, p.573-605, 1975.

SURDI, Mary Neiva. **Para que serve a**

comparação a final? Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1998.

UNGERER, F. & SCHMID, J.J. **An Introduction to Cognitive Linguistics**. Londres e Nova York: Longman, 1996.

TAYLOR, J. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. Oxford: Claredon Press, 1991.